Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 06 – Ano III – 10/2014
http://www.ufvjm.edu.br/vozes

Estudo da variável (nj) em paroxítonas terminadas em "nia" e "nio" em Manaus: descrição da tese

Profª. MSc. Tatiana Belmonte dos Santos Rodrigues

Mestre em Letras (UFAM)

Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - Brasil

http://lattes.cnpq.br/6410934219970876

E-mail: tatibelmonte@yahoo.com.br

Resumo: O estudo da variável (nj) em paroxítonas terminadas em "nia" e "nio" em Manaus é o tema da tese que está em execução no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, concentrada na área de Linguística Teórica e Descritiva. Tal estudo visa verificar indícios do processo de palatalização tal qual ocorreu na passagem do latim para o português, por meio das realizações de variantes que caracterizem esse processo. O objetivo deste artigo é descrever a pesquisa desenvolvida na tese, apontando seus aspectos gerais, como justificativa, hipóteses, objetivos e referencial teórico-metodológico.

Palavras-chave: Variável (nj). Palatalização. Linguística.

Introdução

O subfalar amazônico foi registrado por Nascentes (1953) como um dos falares da parte Norte do Brasil. Uma das pesquisas mais expressivas como registro do subfalar amazônico, em específico o falar amazonense, proveniente do estado do Amazonas, foi realizado por Cruz (2004) por meio da elaboração do ALAM – Atlas Linguístico do Amazonas, que compreendeu uma investigação em nove municípios representativos das nove microrregiões do estado: Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Tefé (Microrregião do Jutaí-Solimões-Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Humaitá (Microrregião do Madeira), Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas) e Parintins (Baixo Amazonas).

A Carta Fonética 94 do ALAM apresenta a pronúncia da palavra *Antônio*, em nove cidades do Amazonas, das quais três apresentaram variantes palatalizadas. A variante [nʲ] foi registrada na fala de três informantes, um em Barcelos, outro em Parintins e outro em Tefé. A variante [ɲ] foi registrada na fala de dois informantes, um em Benjamim Constant e outro em Parintins.

Por meio de observação assistemática, foi detectado que estas variantes também estão presentes na fala manauara, porém, não há esse registro de Manaus no ALAM, pois essa cidade não foi uma das locações da pesquisa realizada por Cruz (2004).

Tal percepção das formas variantes da variável (nj) realizadas em Manaus motivou a elaboração de um projeto de tese de doutorado que abordasse essa temática.

Nas próximas sessões apresentamos as descrições da tese.

1. Descrição da tese

1.1. Justificativa

Uma observação assistemática viabilizou a percepção da realização das variantes [nʲ] e [ɲ] relativas à variável (nj) no contexto de palavras paroxítonas terminadas em “nia” e “nio”, como as palavras *amônia* e *condomínio*, na cidade de

Manaus, a capital do Amazonas. Tais variantes neste contexto fonológico remetem-nos ao processo de palatalização registrado na história da língua portuguesa quando na transição do latim para o português.

Teyssier (1997) descreve a palatalização como uma importante consequência da inovação do latim imperial. O autor aponta que o surgimento do grupo fonético [ny] resultou da pronuncia iode. Em suas palavras:

> Em várias outras palavras um *i* ou um *e* não tônicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciados *yod* em latim imperial; ex.: *pretium, platea, hodie,video, facio, spongia, filium, seniorem, teneo*. Resultaram daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly] e [ny] que se palatalizaram em [tsy] e [dsy], [lh] e [nh]. (TEYSSIER, 1997, p. 12)

Segundo o autor, quando *n* era seguido de um iode, originário de *i* e *e* em hiato, esta consoante passara a /ɲ/ palatal. Como exemplifica em "*seniorem* > port. *senhor*, *teneo* > port. *tenho"* .(TEYSSIER, 1997, p.12)

Ao descrever a evolução das consoantes nasais do português, Williams (1961) afirma que:

> Se a primeira vogal era *i* tônico e a segunda *a* ou *o*, uma nasal palatal se desenvolveu entre ambas e a ressonância nasal desapareceu: *gallīnam* > *gallĩa* > port. *galinha*, *uicīnam* > *vizĩa* > port. *vizinha*. (...)
> Se a primeira vogal era pretônica e a segunda em *i* tônico em hiato com um *a* ou *o* seguintes, a ressonância nasal se estendeu às três vogais. Posteriormente, uma consoante nasal palatalizada desenvolveu-se entre as duas últimas vogais de forma regular: litanīam > lidaĩa > ladainha; uenībam > venĩa > veĩa > viĩa > viinha > vinha. (WILLIAMS, 1961, p. 82-83)

Nota-se que o palatal /ɲ/ não existia no latim, e que surgiu na passagem do latim ao português, da palatalização do *n* diante da semivogal *j* ou da epêntese de uma "consoante nasal plena depois de vogal em hiato*"* (CAMARA JR., 1986, p. 174).

Mattos e Silva (2006, p.70) ao descrever as transformações do latim ao português afirma que "o hiato nasal constituído de vogal nasal anterior palatal, seguida de –o, -a é desfeito pela inserção de uma consoante nasal palatal /ɲ/". A autora exemplifica:

Back (1971) ao descrever a evolução fonêmica no sistema de consoantes portuguesas registra a fonemia de /ɲ/ e afirma:

> Pela síncope de (y) depois de (ñ), encontram-se nos mesmos ambientes, entre vogais, os fones (ñ) e (n); assim o primeiro conquista a sua independência: tinha sido alofone de /n/ e agora sofre fonemia /ñ/ com os traços distintivos de posterior e nasal, /n/ sofre transfonemia, porque muda o seu traço distintivo de não-labial para apical. Comprovam-se como fonemas distintos pelos ambientes análogos em: pinum "pinho" /'pino/ pineam "pinha" /'pina/ e teneo "tenho" /'tEño/. (BACK, 1971, p.26)

No português brasileiro há registro de variações da produção da palatal [ɲ]. Tal variação do uso de [ɲ] em regiões brasileiras tem sido foco de investigação, como na pesquisa de Torres (2009), que estudou a realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do médio Amazonas), em que considerou que embora o falar amazonense seja, geralmente, vocalizado no que concerne à realização da palatal /ɲ/ em vocábulos como *espinha* a incidência da palatal foi considerável.

Em Manaus, ocorre um processo de palatalização que é comum em vários dialetos do português brasileiro, principalmente na região Sudeste, chamado de palatalização de oclusivas alveolares (SILVA, 2013, p. 57).

O fenômeno de Manaus pode ser interpretado também como um processo de palatalização em que a consoante antecedente à semivogal /j/ assimila seu traço coronal [-anterior].

Neuschrank & Matzenauer (2012) descrevem a integração do segmento palatal /ɲ/ na fonologia do português brasileiro (PB), destacando que tal segmento não existia no sistema consonantal latino, e que o mesmo é fruto de três contextos favorecedores: 1. nasal coronal alveolar seguida de semivogal palatal [nj]; 2. vogal palatal seguida de nasal coronal alveolar [in]; e 3. plosiva velar sonora seguida de nasal coronal alveolar [gn].

Em todos os contextos citados por Neuschrank & Matzenauer (2012) há a presença de nasal coronal alveolar, e, nos dois primeiros contextos, há a presença de um segmento vocálico palatal, que nos remete ao processo de palatalização que ocorre em Manaus.

Neste trabalho, Neuschrank & Matzenauer (2012) utilizaram a Teoria Autossegmental para pautar a análise dos dados, adotando a Geometria de Traços de Clements & Hume (1995) como fundamento.

As autoras afirmam que no processo de palatalização há o “espraiamento do nó Vocálico do segmento palatal para o PC [Ponto de Consoante] da consoante nasal precedente” (NEUSCHRANK & MATZENAUER, 2012, p. 40), dando origem a um segmento de articulação consonantal e vocálica, como apresentam as figuras a seguir:

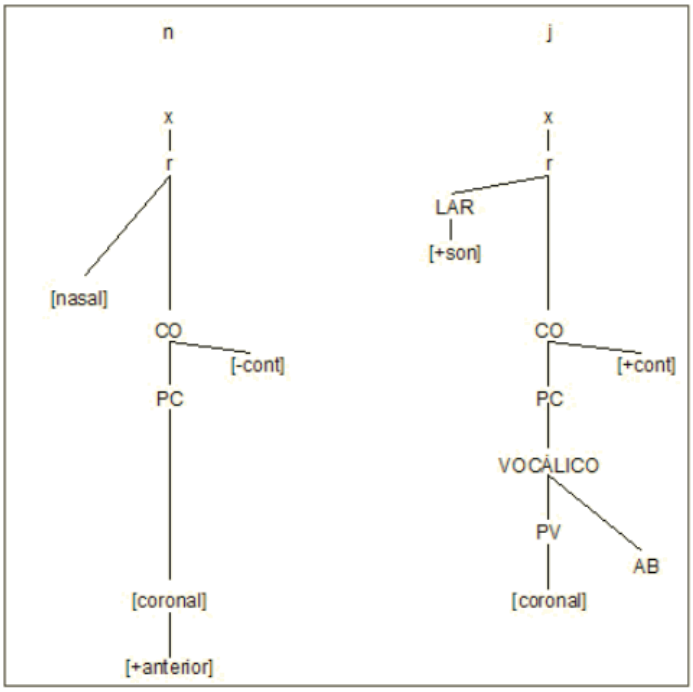

Figura 01: Espraiamento do nó vocálico. (NEUSCHRANK & MATZENAUER, 2012, p. 41).

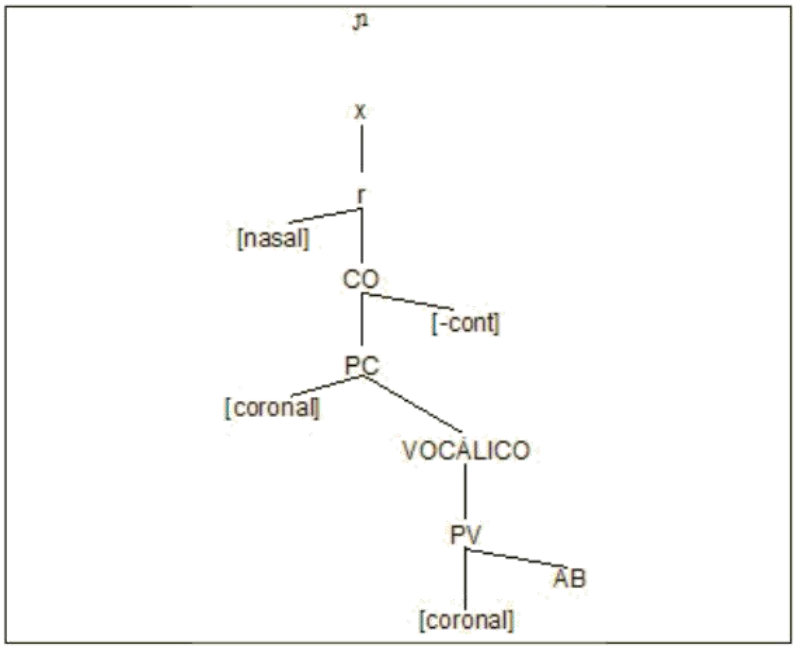

Figura 02: /ɲ/ na Geometria de traços. (NEUSCHRANK & MATZENAUER, 2012, p. 41).

O que é interessante no processo variável em Manaus é que esse ainda não foi estudado nas variedades brasileiras contemporâneas.

1.3. Hipóteses

Esta tese está pautada nas seguintes hipóteses: a) o processo variável de palatalização é semelhante ao que ocorreu na história da língua portuguesa; b) a palatalização nesse contexto fonológico é uma tentativa de se evitar a proparoxítona aparente; c) é provável que a teoria da sílaba possa subsidiar a manobra fonética que busca evitar o formato silábico proparoxítono; d) as teorias linguísticas, Fonologia Autossegmental e Geometria de Traços, podem descrever de forma prática e justificar o processo de palatalização que ocorre no contexto investigado; e e) fatores sociais como idade e gênero/sexo devem interferir na produção das variantes.

1.4. Objetivos

O objetivo geral da tese é descrever e analisar o processo de palatalização da variável (nj) em Manaus.

Dentre os objetivos específicos, destacam-se:

-Descrever e analisar a influência das variáveis linguísticas no processo variável;

-Descrever e analisar a influência das variáveis sociais no processo variável;

-Verificar o *status* sociolinguístico da variação: estável ou em progresso?

-Tratar a realização do processo de palatalização por meio das teorias linguísticas: Fonologia Autossegmental e Geometria de Traços.

1.5. Modelos teórico-metodológicos

1.5.1. Teoria da variação e mudança

A tese será desenvolvida sob a perspectiva de análise linguística proposta por Labov (1972), também conhecida como sociolinguística quantitativa, por operar com

números e tratamento estatístico dos dados coletados. Tendo como proposta o estudo da língua em seu contexto social.

Alkmim (2005, p. 31) afirma que “Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto de estudo da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”. Neste sentido, a autora complementa apontando a comunidade linguística, isto é, “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito ao uso linguístico”, como o ponto de partida deste estudo.

É comum encontrar dentro de uma comunidade linguística formas linguísticas em variação. Essas formas em variação são chamadas de variantes. Tarallo (1986, p. 8) descreve: “‘Variantes linguísticas’ são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’”.

Alkimim (2005) revela que as variedades linguísticas podem ser descritas sob duas perspectivas: a da variação geográfica, também chamada de diatópica, e a da variação social, ou diastrática. Quanto à primeira, a autora afirma que essa diz respeito à diferenças linguísticas dispostas no espaço físico, perceptíveis entre falantes de diferentes origens geográficas. Quanto à segunda perspectiva, a autora declara:

> A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (ALKIMIM, 2005, p. 35)

Tarallo (1986) afirma que quando o pesquisador realiza um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes, ele obtém uma dimensão histórica para sua análise chamada de tempo aparente.

A esse respeito, Naro (in: Mollica & Braga, 2012, p. 44) afirma que “Sob a hipótese clássica, o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade”.

Por meio de uma análise de tempo aparente que é possível detectar se uma variante está estável ou em progresso. Tarallo (1986) postula:

> A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso, a tal relação de duelo e morte a que nos referimos várias vezes neste volume. (TARALLO, 1986, p. 65)

Paiva & Duarte (2012) apontam duas dificuldades presentes no estudo da mudança em tempo aparente:

> A primeira se refere à própria validade da hipótese clássica acerca da aquisição da linguagem. A segunda dificuldade está no fato de que correlações sistemáticas com a variável idade não são, muitas vezes, índices conclusivos de uma mudança em progresso na língua. (PAIVA & DUARTE, In: Mollica & Braga, 2012, p.179)

Tarallo (1986) afirma que o pesquisador alcançará uma dimensão histórica completa da mudança quando os resultados do tempo aparente forem correlacionados aos do tempo real.

Outro grupo de fator social com o qual correlacionaremos as variantes é o sexo/gênero. A diferença de fala entre homens e mulheres vai além do timbre da voz. O uso de forma padrão e não-padrão da língua parece estar associado não só ao fator sexo/gênero, mas também à forma de construção social dos papéis femininos e masculinos.

O trabalho pioneiro a fazer referência à correlação entre a variação linguística e a variável sexo foi realizado por Fischer (1958). Em sua pesquisa, ele apontou a variação na pronúncia velar ou dental do sufixo *–ing* do inglês. Fischer (1958) alega que a escolha da pronúncia velar mais frequente por parte das mulheres, não trata de uma escolha aleatória, mas de uma questão de valorização social, concluindo que a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina.

Labov (2008) a propósito do estudo do padrão de (ing) de Lower East Side, ressalta o fator sexo/gênero: “Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens (...) e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”. (LABOV, 2008, p.281)

Paiva (2012) acrescenta: “Diversos outros estudos sobre processos variáveis do português apontam para o que poderíamos denominar uma maior consciência feminina do status social das formas linguísticas”. (PAIVA, In: Mollica & Braga, 2012, p.35)

Avaliaremos também o *status* das formas variantes em questão: se prestigiadas ou não. Tal avaliação ocorrerá por meio de testes. Demais fatores como escolaridade e grupo social serão controlados de modo que todos os informantes compartilhem a escolaridade e pertençam ao mesmo grupo social. Dessa forma, não haverá influência destes fatores sociais sobre o resultado da análise.

Seguiremos assim, os pressupostos metodológicos da Teoria da Variação, que segundo Naro (2012, p. 25) "constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas". O autor aponta que, nesta metodologia, é responsabilidade do pesquisador linguista levantar e codificar os dados empíricos de forma correta e, acima de tudo, interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica.

1.5.1.1 Teorias linguísticas: Fonologia Autossegmental e Geometria de Traços

Utilizaremos a teoria da Fonologia Autossegmental e a Geometria de Traços para tratar do processo de palatalização que ocorre em Manaus/Amazonas.

A teoria Autossegmental é um modelo pós-chomskiano, proposto por Goldsmith (1976).

Bisol (2005) descreve que os dois aspectos básicos levantados pela teoria Autossegmental são, primeiro, o fato de não haver a relação de um-para-um entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza e, segundo, o fato de o segmento apresentar uma estrutura interna, ou seja, "existe uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua" (BISOL, 2005, p.46).

Ainda segundo Bisol (2005), o primeiro aspecto levantado pela teoria Autossegmental gerou duas máximas: a) os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e b) o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

Assim, na Fonologia Autossegmental, os segmentos passaram de conjuntos desordenados de traços a traços hierarquizados, organizados em camadas ou *tiers*, ligados por uma linha de associação. Os segmentos podem ser:

a) Simples – quando se apresenta apenas um nó de raiz e é caracterizado por, no máximo, um traço de articulação oral.

b) Complexos – quando um nó de raiz é caracterizado por, no mínimo, dois traços diferentes de articulação oral, ou seja, quando o segmento apresenta duas ou mais constrições no trato oral.

c) De contorno – quando contém sequências de diferentes traços.

Três princípios pautam as regras sob a regência da Teoria Autossegmental (Goldsmith, 1976):

a) Princípio do Não-Cruzamento de linhas de Associação - proíbe a associação de dois elementos de um *tier* a outro *tier* através do cruzamento.

b) Princípio do Contorno Obrigatório - define que elementos adjacentes idênticos são proibidos.

c) Princípio de Restrição de Ligação - restringe a aplicação de uma regra à forma que nela é representada, de modo que, se contiver uma só linha de associação, fica bloqueada em contextos de ligação dupla ou vice-versa.

A Fonologia Autossegmental abriu caminho para a Geometria de Traços, desenvolvida por Clements (1985).

A esse respeito, Bisol (2005) afirma:

> Na concepção da geometria de traços fonológicos adotada por Clements (1985, 1991), os traços que constituem os segmentos que estão no mesmo morfema são adjacentes e formam uma representação tridimensional que permite distinguir *tiers*: o *tier* da raiz, o *tier* da laringe, o *tier* dos pontos de consoante (pontos de C), por exemplo. (BISOL, 2005, p. 46)

Clements & Hume (1995) desenvolveram a seguinte organização hierárquica de consoantes e vogais:

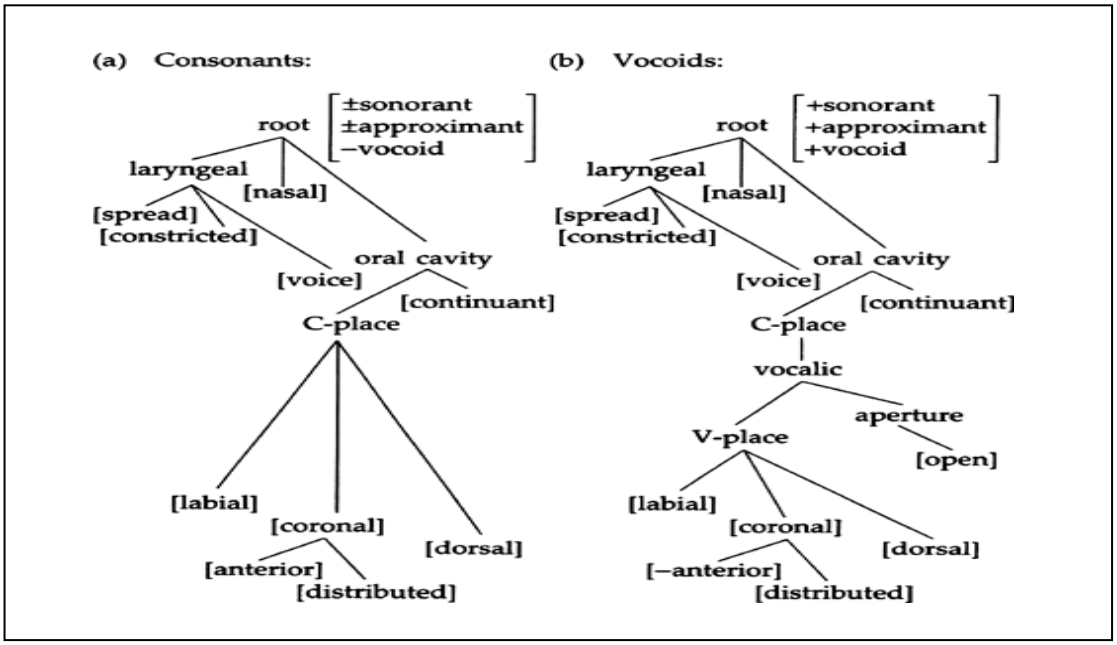

Figura 03: Nós de classe. (CLEMENTS & HUME, 1995, p.47).

Alguns traços são binários: representados em termos de presença (+) ou ausência (-). Outros são monovalentes: só permitem a representação em termos de presença.

A estrutura arbórea representada na geometria de traços possibilita expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, atendendo sempre ao princípio de que as regras fonológicas constituem uma única operação, seja de desligamento de uma linha de associação ou de espraiamento de um traço. Em consequência, a estrutura apresenta, sob o mesmo nó de classe, traços que funcionam solidariamente em processos fonológicos.

1.5.2. População e amostra

Para a seleção dos informantes seguiremos orientações propostas por Tarallo (1986):

> 1. Seja qual for a comunidade, seja qual for o grupo, jamais deixe claro que seu objetivo é estudar a língua tal como é usada pela comunidade ou grupo. (...) 2. Esclareça sempre ao informante que a fita gravada contendo informações até de natureza pessoal poderá ser inutilizada a pedido do entrevistado, na presença do mesmo. 3. Procure acomodar seu comportamento social e linguístico a do grupo ou da comunidade entrevistada, isto é, tente minimizar o efeito negativo de sua presença

> sobre o comportamento sociolinguístico natural da comunidade. 4. Procure entrar na comunidade através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade. 5. O critério básico para a seleção dos informantes será o da amostragem aleatória. (...) 6. Nos estudos de comunidade estabeleça parâmetros rígidos para a seleção de informantes, como, por exemplo: somente serão entrevistados aqueles indivíduos que ou tenham nascido na comunidade ou até 5 anos de idade. (...) 7. O tamanho da amostra dependerá da natureza linguística da variável a ser estudada. (TARALLO, 1986, p. 27-28)

Utilizaremos o método aleatório estratificado, no qual, segundo Oliveira e Silva (2012, p.121), "divide-se a população em "células" ("casas", "estratos") compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais, procedendo-se posteriormente, para preencher cada casa, a uma seleção aleatória".

Assim, os informantes estão distribuídos conforme as faixas etárias seguintes:

MANAUS	
De 15 a 25 anos de idade	03 homens e 03 mulheres
De 35 a 50 anos de idade	03 homens e 03 mulheres
Acima de 65 anos de idade	03 homens e 03 mulheres

Figura 04: Quadro de faixa etária e informantes.

1.5.3. Coleta de dados

Um dos passos metodológicos propostos por Labov (2008), e que será utilizado neste trabalho, é a gravação de entrevistas. O autor afirma que "a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio do tipo mais obvio de observação sistemática". (LABOV, 2008, p. 244)

Precisaremos direcionar a entrevista para que as pessoas falem as palavras em que há o contexto fonológico aqui estudado. Perguntas serão preparadas nesse sentido.

1.5.4. Transcrição dos dados

Os dados coletados, retirados das entrevistas, serão transcritos foneticamente, seguindo os símbolos propostos pelo IPA (Associação Internacional de Fonética).

Após a transcrição, será realizada a análise acústica dos dados para a conferência da transcrição.

1.5.5. Variantes

No estudo da variação na cidade de Manaus a ser realizado nesta tese, nos propomos a analisar a variável (nj), que, a princípio, engloba as seguintes variantes:

a. [nj]: consoante nasal alveolar seguida de semivogal;
b. [nʲ]: consoante nasal alveolar palatalizada sem a produção de semivogal; e
c. [ɲ]: consoante nasal palatal sem a produção de semivogal.

Os fatores linguísticos favorecedores considerados nesta tese serão, dentre outros a serem postulados, o tipo da vogal na sílaba tônica e o tipo da vogal final.

Os fatores sociais favorecedores a serem analisados serão os fatores idade e sexo/gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese encontra-se em fase de execução, seguindo um cronograma que rege sua conclusão em fevereiro de 2017 com a defesa pública junto ao colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais.

Até o momento, já foram realizadas as seguintes etapas do projeto de tese: o encaminhamento do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, a aprovação do projeto junto ao colegiado, levantamento bibliográfico prévio e viajem a Manaus para a coleta de dados por meio de gravação de entrevistas.

Abstract: The study of the variable (nj) in paroxitones terminated in "nia" and "nio" in Manaus is the subject of the thesis that is running in the Graduate Program in Linguistics at the Federal University of Minas Gerais, concentrated in the area of Theoretical and Descriptive Linguistics. This study aims to verify evidence of the palatalization process as occurred in the transition from Latin to Portuguese, through the achievements of variants that characterize this process. The purpose of this article is to describe the research developed in the thesis, pointing its general aspects, such as justification, assumptions, goals and theoretical and methodological framework.

Key-words: Variable (nj). Palatalization. Linguistics.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística – Parte 1. In: MUSSALIM, F., BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BACK, E. A evolução do sistema das consoantes portuguesas. **Revista Letras**. v. 19. 1971, p. 13-46

BISOL, L.(org) **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

CAMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
.
CLEMENTS, G. N. **The Geometry of Phonological Features**. Phonology Yearbook 2, 1985, p. 225-252

CLEMENTS, G. N. & HUME, E. The internal structure of speech sounds. In: John Goldsmith (ed.). **Handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

CRUZ, M. L. de C. **Atlas Linguístico do Amazonas – *ALAM.*** Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004.

GOLDSMITH, J. **The aims of autosegmental phonology**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1976.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

MATZENAUER, C. L. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português. **Revista *Letras de Hoje***. v. 29, nº 4, 1994, p. 159-167.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. -4.ed.São Paulo: Contexto, 2012.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. -4.ed.São Paulo: Contexto, 2012.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NEUSCHRANK, A & MATZENAUER, C. L. A palatalização na diacronia do pb: o surgimento dos segmentos palatais à luz de teoria fonológica. **Revista Linguística**. v. 27, 2012, p. 18-46.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. Coleta de dados. In: In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. -4.ed.São Paulo: Contexto, 2012.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. -4.ed.São Paulo: Contexto, 2012.

PAIVA, M. da C. de. & DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. -4.ed.São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

TORRES, F. G. L. **A realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do médio amazonas)**. Dissertação. UFAM: PPGSCA, 2009.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português**. Instituto Nacional do Livro, 1961.

Texto científico recebido em: 22/07/2014

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 31/10/2014

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.